

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Unidades produtivas urbanas, trabalho e movimento operário em Alegrete (1898 – 1935)¹

Anderson Romário Pereira Corrêa*

Resumo: O objetivo deste trabalho é dialogar com a comunidade de historiadores o Projeto de Pesquisa que trata da formação da classe operária em Alegrete e o papel do imigrante (República Velha). Entender a História da classe operária no Brasil, passa pelo estudo das peculiaridades locais e regionais. Metodologicamente busca-se relacionar aspectos estruturais e econômicos, com aspectos culturais e políticos. No primeiro caso, como fonte os livros de cobrança de impostos sobre indústria e profissões, no segundo evidências do movimento operário na bibliografia da época e imprensa do referido período. A partir de nominativa levantada nestes documentos, cruzar as informações com fontes cartoriais em busca da identificação de possíveis imigrantes. O debate com a historiografia produzida sobre o tema permitirá a comparação e a busca de generalidades e especificidades.

Palavras-Chave: Alegrete – operários – imigrantes.

Abstract: The objective of this paper is to dialogue with the community of historians of the Project of Research that deals with the formation of the working class in Alegrete and the immigrant's role (Old Republic). In order to Understand the History of the working class in Brazil, it goes through the study of the local and regional peculiarities. Methodologically we seek to relate structural and economical aspects with cultural and political aspects. In the first case, as source the books of collection of taxes on industry and professions, in the second you evidence of the labor movement in the bibliography of the time and press of the referred period. Starting from nominative achieved from these documents, to cross the information with cartoriais sourcers in the search of the possible immigrants' identification. The dialogue with the historiography produced on the theme will allow the comparison and the search of generalities and specificities.

Keywords: Alegrete - labor - immigrant.

A apresentação do presente trabalho objetiva “comunicar” a pesquisa em andamento. Busca-se assim, o diálogo com os profissionais que atuam na pesquisa histórica em geral e em especial com os historiadores do “mundo do Trabalho” e movimento operário, no sentido de contribuir criticamente – corrigir falhas e sugerir enriquecimentos.

Este projeto de pesquisa em sofreu alterações desde o momento da inscrição no XXIV Simpósio Nacional e o ingresso no Programa de Pós-graduação da instituição a qual

¹ O projeto de pesquisa apresenta-se com novo título: Classe operária em Alegrete e o papel do imigrante (1897 – 1928).

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação da PUCRS/POA – 2007/01; Bolsista CAPES; Orientadora Prof.ª Drª. Núncia Santoro de Cosntantino.;

está inserido. Não foi alterada a idéia principal: contribuir modestamente nos estudos sobre o movimento operário no Brasil a partir do estudo do fenômeno operário em uma localidade do interior do Rio Grande do Sul, próxima da fronteira do Brasil com o Uruguai e a Argentina; e especificamente para Alegrete, destacar o papel do operário e do imigrante na sua história. A seguir apresenta-se um resumo do Projeto de Pesquisa, contendo: Título, Problema, Justificativa, Objetivos, Referências Teóricas, Metodologia, Previsão de Fontes e Bibliografia.

Título: Classe Operária em Alegrete e o Papel do Imigrante (1897- 1928)

1. Problema:

A história local e regional, em que está inserida a cidade de Alegrete, possui uma produção historiográfica hegemonicamente relacionada às temáticas, ligada às “revoluções” e às questões que envolvem a polaridade da elite política: chimangos e maragatos. Existem outras realidades não exploradas, principalmente àquelas relacionadas às questões urbanas, e dos subalternos. Após uma breve revisão bibliográfica, é possível encontrar indícios sobre a existência de um movimento operário em Alegrete, assim como a presença imigrante no período conhecido como República Velha. Nomes citados em referências a organizações e manifestações operárias locais, a julgar pelos sobrenomes, levam a crer se tratar de imigrantes ou seus descendentes. A partir de então, surge a indagação: Qual o papel do imigrante na formação da classe operária em Alegrete no final do século XIX e início do século XX?

2. Justificativa:

Alegrete localiza-se em uma micro-região com números baixos em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Localiza-se próxima à fronteira entre três países que compõem o MERCOSUL: Brasil, Argentina e Uruguai.

Nota-se uma baixa produção sobre a história local e regional. Até agora, existem informações fragmentadas sobre a existência de organizações, manifestações operárias e imigrantes em Alegrete, no período da República Velha, sendo necessário um trabalho mais sistemático e criterioso sobre o assunto. Em relação a História operária, é importante a identificação de particularidades locais (interior do Brasil) obtendo-se dessa forma uma visão mais abrangente do fenômeno. Cabe também explorar também a presença imigrante fora das regiões de colonização.

Acrescenta-se a esta justificativa a identificação do pesquisador com o tema, experiência em militância social junto aos movimentos populares e sindicais;

3. Objetivos:

3.1 Objetivos Gerais:

- a) Contribuir na construção de uma nova historiografia para Alegrete, explorando novas temáticas e abordagens;
- b) Abordar uma História “Econômica e Social” incluindo parcela daqueles elementos que estiveram “fora da história”: trabalhadores urbanos, imigrantes e suas lutas.
- c) Identificar as características da classe operária urbana de Alegrete no período de 1897 a 1928, genericamente denominado República Velha, e mais especificamente o papel da imigração neste processo.

3.2 Objetivos Específicos:

- a) Identificar as atividades econômicas, e profissões relacionadas ao meio urbano de Alegrete no período de 1901 a 1925;
- b) Relacionar os imigrantes a atividades econômicas e profissões urbanas de Alegrete no período de 1901 a 1925;
- c) Identificar as organizações operárias em Alegrete no período compreendido de 1897 a 1928, suas manifestações e composição de suas diretorias;
- d) Relacionar o papel do imigrante na formação das organizações, a participação em manifestações e ou diretoria de entidades operárias no período de 1897 a 1928.

4. Referências Teóricas e Bibliográficas:

Faz-se necessário iniciar com a definição do entendimento de classe que abordaremos no decorrer do estudo:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais; encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais..(THOMPSON, 1987, p.10)

A concepção de Thompson deixa clara a relação entre a experiência e a consciência de classe. O que merece destaque nesta concepção, é que a questão da classe não é um resultado automático da estrutura. Para não cairmos em reducionismos, optamos por fazer uma relação entre classe enquanto a partir das estruturas econômicas e suas expressões culturais, no caso, as organizações e atividades do movimento operário. Entendemos que a formação da classe operária é um processo dialético e relacional, tanto em relação aos condicionantes estruturais, quanto pelos aspectos superestruturais. A historiadora Emília Viotti da Costa (COSTA,1990, p.3s) preocupada em discutir as tendências da história social

do trabalho, dedicou-se à análise dos caminhos da historiografia sobre os "mundos do trabalho". A conclusão de Emília era pela possibilidade e pela necessidade de uma síntese entre os novos estudos e as abordagens ditas tradicionais, na medida em que tanto os novos historiadores não poderiam prescindir das "estruturas" na sua análise da cultura e da experiência, quanto aos historiadores tradicionais não poderiam negar que, para além das grades da "necessidade" e das pressões objetivas, havia também a margem de "liberdade" em que homens e mulheres faziam à história.

4.1. Atividade econômica tem a ver com forças produtivas. Para Ciro Flamarion S. Cardoso, força produtiva é um conceito marxista que: “(...) define a articulação histórica específica entre o objeto de trabalho (recursos naturais e matérias-primas) e meio de trabalho (instrumentos de produção, condições materiais que possibilitam a realização do processo de trabalho) (...)” (CARDOSO, 1983:131s), e acrescenta: “designa o conjunto formado pelas técnicas (instrumentos, modos de fazer, etc.) e pelos trabalhadores, em uma dada estrutura sócio-econômica.” (Ibidem)

As três formas ou modalidades de transformação de matéria-prima e beneficiamento dos produtos, segundo Sandra Jatahy Pesavento, são: artesanato, manufatura e fábrica. Pelas características destas unidades produtivas, pode-se dizer que artesanato e oficina, indústria e fábrica, tem o mesmo significado, pois tem o mesmo nível tecnológico e forma de trabalho. Neste momento deixa-se claro que estas “etapas” da evolução das forças produtivas, foram em regra, evidenciadas na formação capitalista dos países europeus, com destaque para a Inglaterra. Entendemos que as várias regiões do planeta, que estavam na periferia do capitalismo central, sofreram outros processos de construção e destruição de seus modos de produção. Desta forma, a formação da classe operária também passa por análises específicas de cada caso regional.

O aperfeiçoamento tecnológico das unidades produtivas é fruto de um processo. Das pequenas oficinas domésticas, passando pelas manufaturas, desde as unidades produtivas mais rudimentares com baixo desenvolvimento tecnológico se desprende o mundo industrial e a respectiva classe operária, que como nos referimos, anteriormente, não é uma lei que pode ser utilizada em todas as formações econômico-sociais.

4.2 As experiências dos trabalhadores em relação à produção e suas formas organizativas formam as experiências vividas ou herdadas pelos mesmos. Falando sobre a organização e experiência política dos trabalhadores franceses, Eric Hobsbawn, escreve que a partir de 1815, o movimento trabalhista não foi apenas um movimento de trabalhadores fabris e industriais, ou nem mesmo limitado a trabalhadores assalariados. Seria, segundo ele, uma

frente comum das forças que representavam o trabalhador pobre, principalmente urbano. Para o historiador, esse movimento operário inicial “(...) era formado por artífices qualificados, artesãos independentes, os empregados domésticos de pouca importância.” (HOBBSAWN, 1977:234) Os primeiros sindicatos eram quase invariavelmente de impressores, chapeleiros, alfaiates etc.

Em termos de formas organizativas, destaca-se o estudo de Cláudio H. M. Batalha, que analisa as sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX. Segundo ele, o estudo das entidades operárias concebe que as mesmas passaram por fases. Continuando seu raciocínio até 1888, existiam sociedades mutualistas. Depois de 1888, predominaram as sociedades de resistência, durando até 1919. O mesmo pesquisador acrescenta que não se trata de uma “evolução” linear. Diz ele:

A idéia de que as novas sociedades de resistência substituíram definitivamente as velhas sociedades mutualistas é falsa. O processo foi lento e bastante complexo. As sociedades mutualistas puras nunca desapareceram inteiramente. Por outro lado, algumas das novas sociedades de resistência, do mesmo modo que algumas das novas sociedades de resistência adotaram práticas de assistências. (BATALHA, 1999:46)

No Rio Grande do Sul, Petersen chega às mesmas conclusões ao analisar os primórdios das organizações operárias no estado gaúcho. Em suas palavras expõe:

Mesmo que cronologicamente a iniciativa da criação de sociedades de ajuda mútua tenha sido mais antiga, logo observamos na década de 90 (1890 explicação nossa) que esta forma de organização, sem desaparecer, abre espaço para associações operárias que se caracterizam por seu caráter político de resistência: ligas, centros, uniões e partidos operários (...) (PETERSEN, 2001:33)

Observa-se assim, uma tendência geral nas formas organizativas no processo de formação da classe operária no Brasil e no Rio Grande do Sul.

4.3 É de notório conhecimento de afirmações que relacionam a imigração e a formação da classe operária brasileira. Destaca-se o papel do imigrante na constituição da força de trabalho no período da República Velha, da mesma forma que o papel do imigrante em relação à militância política e social, nas organizações do movimento operário brasileiro.

Edgar Carone em estudo sobre a composição étnica da classe operária brasileira, afirma que “bem antes da proclamação da República, o elemento estrangeiro prepondera numericamente e ideologicamente entre o operariado (...)” (CARONE, 1970:189), acrescenta ainda o autor : “calcula-se que existem no Estado de São Paulo 50.000 operários em 1901, dos quais os brasileiros constituem menos 10%.” (Ibidem)

A obra “A classe Operária no Brasil (1889 – 1930)” de Paulo Sérgio Pinheiro e Michael M. Hall, destaca um capítulo intitulado “A imigração italiana e o movimento operário no Brasil (1906)”. Escreve especificamente sobre São Paulo e a formação do proletariado, escrevem:

(...) misturados à massa amorfa dos imigrantes, chegava um numero limitado de operários cômicos da organização, os combatentes que haviam tomado parte da Internacional, no Partido Operário ou mais tarde no Partido Socialista Italiano, revolucionários, legalitários, anarquistas até, talvez meramente corporativistas.(HALL, 1979:36)

Em estudo que procura estabelecer o grau de participação do imigrante italiano no movimento operário de Porto Alegre no início do século XX, a historiadora Stella Borges, afirma que o que ocorreu em São Paulo, não pode ser generalizado para a experiência de Porto Alegre. Afirma a pesquisadora que a partir dos dados levantados, que os imigrantes italianos “(...) estão mais do lado do capital, ainda que pequeno, do que do lado do trabalho, (...)” (BORGES, 1993: 84)

As conclusões de Stella Borges:“(...) pode-se afirmar que os imigrantes italianos não participaram de modo significativo dos movimentos operários em Porto Alegre.” (BORGES, 1996:155). Segundo a mesma, os imigrantes tiveram participação, porém, em número reduzido comparado ao total de operários em Porto Alegre e aos demais militantes.

A historiadora Núncia S. Constantino diz que: “A imigração urbana no Rio Grande do Sul foi praticamente esquecida pelos pesquisadores, atraídos pelas experiências de colonização (...)” (CONSTANTINO, 2000:67). Em outro trabalho, ela acrescenta indícios sobre a presença italiana em diferentes núcleos urbanos gaúchos, fora das regiões tipicamente coloniais:

Já em 1870 fundam as primeiras sociedades para socorro mutuo: Bagé em 1871, depois Pelotas, Uruguaina, Quaraí, Alegrete, Sant’Ana do Livramento, Jaguarão, Santa Vitória do Palmar, Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo, Cachoeira, Rio Pardo. (CONSTANTINO, 2005:20)

Nesse aspecto o presente trabalho também vem para colaborar, somando-se e relacionando-se a pesquisas sobre imigração urbana no Rio grande do Sul, fora das áreas tradicionais de estudos sobre imigrantes, ou seja, as áreas coloniais.

5. Metodologia:

Analisa-se os documentos a partir de instrumentos da crítica interna e externa. Elabora-se um estudo da documentação e das fontes levando em consideração as suas funções na época de sua produção, analisa-se o conjunto de documentos de forma a constituírem séries homogenias, o conteúdo explícito e implícito nos “textos”. Ou seja, aquilo que se mostra e o quê é visível. Desde a conjuntura de produção dos registros e fontes de informação, ao

acumulo de discussão sobre as fontes sobre o Movimento Operário. Para cada caso abordado, elabora-se um análise do que já se produziu sobre fenômeno em discussão, buscando generalidades e especificidades.

Para identificar as atividades econômicas e profissões relacionadas ao meio urbano de Alegrete no período de 1901 a 1925, utiliza-se como fontes os livros de cobrança de impostos sobre Indústria e Profissões da Intendência Municipal de Alegrete. Da série de documentos (1901 – 1935), utiliza-se o período de 1901 a 1925, porque neste período existe uma uniformidade de informações e a possibilidade de distinguir-se o urbano do rural.

Após a descrição das atividades econômicas urbanas e profissões do período tratado, e a identificação dos nomes que aparecem nos empreendimentos e atividades profissionais, cruza-se os nomes obtidos com uma nominativa de imigrantes levantada no Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais e Especiais de Alegrete, identificando imigrantes.

Através da pesquisa em bibliografia, jornais da época, estatutos de entidades operárias identifica-se as organizações e manifestações dos operários de Alegrete no período de 1897 a 1928. Logo, cruzam-se também os nomes levantados em organizações e atividades culturais operárias com nominativa de imigrantes.

6. Previsão de Fontes:

Arquivo Histórico Municipal de Alegrete Miguel Jacques Trindade. Intendência Municipal de Alegrete. Livro de Lançamento de Cobrança de Impostos Sobre Indústria e Profissões (1901-1935). Localizam-se na Estante 02, Prateleira 02 A. L.01: 1901; L.02: 1903; L.03: 1904 – 1906; L.05: 1905; L.09: 1907; L.10: 1908; L.12: 1909; L.14: 1910; L.16: 1911; L.19: 1912; L.22: 1913; L.25: 1914; L.28: 1915; L.29: 1916; L.33: 1917; L.36: 1918; L.39: 1919; L.42: 1920; L.46: 1912; L.50: 1922; L.55: 1923; L.57: 1924; L.59: 1925;

Jornais:

SOCIAL, Alegrete, nº 17 e nº 19; ano 1899. **A FRONTEIRA** – Anno VIII: Quaraí, 1898 Anno IV, 1902. **A NOTÍCIA**; Ano I, Alegrete, 1926 **A NOTÍCIA**; Ano III: Alegrete, 1928. **MEU JORNAL**, Ano I: Alegrete, 1926. Ano II, Alegrete, 1927.

Cartório de Registros Cíveis de Alegrete: Livros de Registros de nascimentos, casamentos e óbitos.

Estatutos da Sociedade Operária Mutua Proteção de Alegrete (1897).

Statuto e Regolamento Della Societá di Mutuo Socorso Unione Italiana, Alegrete – rio Grande do Sul, 1916.

Livro dos Sócios da Sociedade Italiana de Alegrete.

7. Bibliografia Final:

BATALHA, Cláudio H. M. *Sociedades de Trabalhadores no Rio de Janeiro do Século XIX: Algumas Reflexões em Torno da Formação da Classe Operária*. **Cad.AEL**, v.6, .10/11,1999.

BORGES, Stella. *Italianos e o Movimento Operário em Porto Alegre*. **Estudos Ibero Americanos**, Porto Alegre, PUCRS, v. XXII, n. 2, dezembro 1996.

CARDOSO, Ciro Flamarion S e Hector Perez Brignoli. *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro: **Edições Graal**. 1983 – 3ª edição.

CARONE, Edgar. *A República Velha: Instituições e Classes Sociais*; São Paulo; **Difusão Européia do Livro**; 1970.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *Italianidade(s):imigrantes no Brasil Meridional*; ps.67-82. in:Raízes Italianas do RS/organizadores Florence Carboni, Mario Maestri. Passo fundo: **UPF**.2000.

CONTANTINO, Núncia Santoro de. *Na cidade Gaúcha*. ps.19-34. in: **De Pioneiros a cidadãos: imagens da imigração Italiana no Rio Grande do Sul(1875 – 1960)**/Org. Nuncia Santoro de Cosntantino, Cleodes Piazza Julio Ribeiro. – Porto Alegre: Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul.2005.

COSTA, E. V. da. *Estrutura versus experiência. Novas tendências da historiografia do movimento operário e das classes trabalhadoras na América Latina: o que se perde e o que se ganha*. **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (BIB)**. Rio de Janeiro, n.29, p.3-16, 1º sem. 1990.

HALL, Michael M. *A Classe Operária no Brasil (1889 – 1930)*; São Paulo; **Editora Alfa Omega**;1979.

HOBBSBAWN, Eric J. *A Era das Revoluções: Europa 1789 -1848*. Rio de Janeiro, **Paz e Terra**, 1977.

PESAVENTO, Sandra J. *Os Industriais da República*. Porto Alegre.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. “*Que a União operária seja nossa pátria!*” *História das Lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto alegre, **Ed. Universidade/ UFRGS**.2001.

THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro, 1987, **Paz e Terra**.v1.